

O  
CARAPUCEIRO

18 DE MAIO  
DE 1833



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hunc servat modum nostri novere libelli  
Parcere personis, dicere de vitiis,  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.*

Guardare nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

IMPRESSO EM PERNAMBUCO, POR J. N. DE MELLO NA TYPOGRAFIA FIBEDIGNA.

## OS MALES DA RESTAURAÇÃO.

Se não lesse com os próprios olhos hum Periodico do Rio de Janeiro, de pminado — *A Arca de Noé* — ; não acreditara certamente, que no Imperio do Brasil se escrevia tão ás claras em favor da volta de D. Pedro de Bragança. No 2.º N.º desse Periodico, panegyrista dos Caramurus, vem hum Artigo sobre a Restauração, onde para aplinar as difficuldades, e arredar todo o susto sobre o regresso do ex-Imperador, busca-se provar, que muitas restaurações tem sido proveitosas, como fossem a de Affonso 5.º em Portugal, a de D. João 4.º no mesmo Reino, a de Fernando 7.º em Hespanha, a de Luiz 18 em França, etc. Eis aqui como se pretende iludir a mente estiota, que

ordinariamente cre com fé implicita quanto lhe apparece em letra redonda. Que semelhança tem aquellas restaurações com a do ex-Imperador do Brazil? Primeiramente o facto de Affonso 5.º não se póde chamar verdadeira restauração. Esse Monarca, inclinado ás empresas guerreiras, depois de huma das suas quixotadas, ou Cruzadas, pertendeo assenhorear a Hespanha, pelo que partindo para essa campanha, deixou o governo do Reino a seu filho o Principe D. João. Vendo-se malogrado em seus intentos, bigodeado por Carlos 11.º de França, cheio de molestias, e desgostos, na sua volta a Portugal quiz, que o Principe continuasse na regencia, em quanto elle tinha assentado de metter-se Frade leigo do Varal, o (por que n'aquelles tempos era o resabafio

dos Reis, e Magnatas, depois de louquearem muito, e fazerem toda a laia de picardia, recolher-se a hum convento, enfiar-se n'uma tunica, ou burel, e ganhar desta guiza o Reino do Ceo.)

A esse intento do Rei oppozeraõ-se muitos Fidalgos, e Concelheiros: Affonso reásumio o governo; continuaraõ as cousas como d'antes, e isto naõ se póde chamar restauraçã. Muito menos o foi a exaltação de D. Joã 4.<sup>o</sup>; porque este nunca foi Rei antes dos Filipes de Hespanha; e esta restauraçã foi sim do Reino, q' sacudiõ-o jugo estrangeiro, e naõ do Rei, que naõ passava de hum particular, antes desse acontecimento.

A de Fernando 7.<sup>o</sup> sim, foi restauraçã: mas quem ignora as proscricções, os degredos, as mortes, a aluviã de males, que soffreu a Hespanha com a reenthronisaçã desse Principe ingrato, supersticioso, e sanguinario? Que illustres cidadãs, que Generaes, que Personagens naõ desampatãraõ aquelle miseravel Reino! A França passou tãdem por huma restauraçã, depois da queda de Napoleã; mas naõ houve restauraçã de Rei; porque Luiz 18, que entã sobio ao Throno, nunca tinha sido Monarca. Naõ obstante isso, aquelle Reino padeceo consideravelmente em seus interesses, e dignidade, vendo-se invadido, e occupado por Exercitos estrangeiros, q' o Gabinete Inglez soubera pôr em açãõ para acabrunhar a França, entã sua mortal inimiga

Huma cousa he restaurar-se hum Povo, de qualquer jugo, que o opprime. Outra cousa he a restauraçã de hum Principe. A primeira he sem-

pre vantajosa, a segunda só quasi por milagre deixara de acarretar incalculaveis desgraças. Hum Principe, que abre maõ da coroa, porque tem incorrido na indignaçã geral, com quanto tenha por si os seus parcialistas, Aulicos, e adutores, naõ póde reassumir o throno sem huma comoçã geral em a Naçã, sem gravissimos desastres contra innumeraveis cidadãs, sem a ruina de milhares de familias. Cante-nos, quanto quizer, esse novo Naé, que nos offerece a su' Arca, naõ para salvar-nos, se naõ para perder nos a todos; naõ há quem ignore, que o partido de D. Pedro no Brazil he essencialmente Luzitano, e por consequencia repugnante a o espirito Brasileiro. Essa conjuraçã restauradora naõ he outra cousa mais, que a antiga columna, que por ter sido em demasia bem tractada, e por ventura angariada, cobrou animo, engrifou-se, e havendo sobejamente enredado tudo, assentou, que a restauraçã agora lhe cabia a laço.

Muita estupidez, ou refinada Sallia cabe, que tenha quem chega a preferir, que a restauraçã de D. Pedro deve de nos trazer beneficios. He preciso ou naõ conhecer o coraçãõ humano, ou sofismar muito sobre as paixões para naõ encher o diluvio de males, que nos traria a reenthronisaçãõ do ex-Imperador. Dous partidos se levantãraõ no meio de nós. Hum de Brasileirõs Briosos, que prezaõ a cima de tudo a Liberdade, e este compõe-se de cidadãs natos, e de alguns poucos adoptivos. Outro de impostores, papelões, e adutores, todos do Paiz, e da mór parte da gente de Portugal, isto

he; da gente estúpida, e sem creação, e estímulos que compõe o grande número, homens despidos de todo o sentimento nobre; pois, se os tivessem, deverão aborrecer de morte a hum Príncipe, que havendo nascido Portuguez, só para empolgar o sceptro do Brazil cõbria a os seus patricios dos mais ridiculos baldões, e proclamava a os Brasileiros natos (de quem nunca foi amigo) que os montassem, e perseguissem, como a lobos. Faço justiça a os bons Portuguezes: estes são briosos, tem caracter elevado; porque os descendentes dos Albuquerque, Castros, Ataídes, etc. não podem affeição-se a o desnaturalizado D. Pedro de Bragança. He preciso ter sido arrieiro, cabreiro, criado de servir, catraeiro, etc. para amar a semelhante Príncipe. Toda essa bixaria, unida a certos naturaes superlativamente baixos, e escravos compunhaõ a infame columna: e esta he a que hoje resurge sôb a nova denominação de restauradores.

Não he o mesmo a mudança de Dinastia, como succedeo em França depois da ruina de Bonaparte, ou a elevação de hum Príncipe a hum throno, pela primeira vez occupado por elle, que a restauração de outro, q' abdicou por ter provocado a indignação publica. Aquelle sôhe mostrar-se magnanimo, e dadivoso, ao menos no começo da sua administração; este pelo contrario volta, como triunfante, vem requioso de vinganças: e como só confia com o arri-mo dos da sua facção, que o reimpõsarão no Throno, forçosamente os ha de accolher, ha-lhes de fazer as vontades, deixando, que se farram no sangue, e na perseguição dos

miseros vencidos. Ah! Pernambucanos, vós não estaes de certo deslembrados dos luctuosos dias da restauração de 1817. Qualquer maldade com bigodes de Judeo de Paço, com hum espalhado a rastos por esca-calhadas era hum Bobé fortissimo em dizendo — *sou dos Portuguezes leacs d'El Rei* —, não havia que se fosse á mão; espavava patrotis, insultava-os, atrevia-se a donzelas viúvas, e cazadas, e ai d'aquelle que recalcitrava: era logo declarado revolucionario, e como tal perseguido.

E o que seria hoje, se se c'esse a realizar o regresso de D. Pedro? Que coração haverá tão insensível, que se não tome de horror, que não palpite de susto só a o considerarem quadro de tantas desgraças? Que milhares de cidadãos ceitados pela fôrça da morte na guerra civil, em circunstancias inevitavel! Que em tenares de familias desamparadas, e perdidas pela falta de seus pais, de seus filhos, de seus irmãos, etc. Ao menos aquelles terminariam os seus dias no regaço da honra, e cobertos dos aplauzos da posteridade por haverem morrido pela sagrada causa da Liberdade, em quanto inumeraveis Pernambucanos espirariam de sangue frio em vergonhoso patibulo; huns se definhariaõ em edificações masmorras, outros, mettidos em gargalheiras irião terminar a amargurada existencia, mui longe da Patria, e arrancados dos braços das ternas consortes, dos innocentes filhinhos nas remotas margens do Rio Negro. Estes emigrariaõ, ao travez de mil precizões, e difficuldades para Paizes estrangeiros, aquelles, assulhados dos seus empregos, que mal

chegariaõ para saciar a avidez da de-  
tinha parte dos absolutistas vencedo-  
res, ver-se-iaõ reduzidos á mais tri-  
ste, e lastimosa mendicidade.

Eis aqui, ainda de mortecor o  
quadro das nossas desgraças, se  
se verificasse a restauração, como  
tanto desejão esse Noé, e mais  
sucia da Nova Arca. A do verda-  
deiro Noé foi encalhar nos mon-  
tes da Armenia depois do Dila-  
vio: queira Deos, que a nova Ar-  
ca com toda a sua companhia, e  
passageiros não venhaõ a escan-  
gálhar-se no Pão de assucar. Mas  
para que he essa restauração? Pa-  
ra repõr no Throno a hum Prin-  
cipe verdadeiramente estouvado,  
e com negação absoluta para Go-  
vornar, hum Principe, que era o  
espelho da immoralidade, hum  
Principe, que sendo espozado  
com huma Princeza tão chã de  
virtudes, vivia na mais edionda  
frascaria, já seduzindo a Senho-  
ras honestas, já frequentando  
prostibulos, já passeando de pu-  
blico com huma mulher cazada,  
a quem não só se não envergo-  
nhou de fazer Marqueza, como  
que teve a impudencia de reco-  
nhecer os filhos, que della teve,  
adulterinos? Hum Principe, que  
não tinha amisade, se não a trac-  
tantes, e peralvilhos; hum Prin-  
cipe, que a principio instigava  
os Brasileiros para espãncarem,  
e maltractarem a os Europeos,

seus patricios; e no depois que  
se julgou seguro, e inabalavel,  
mettia a ridiculo aquelles, que-  
rendo dar a hum o burlesco titu-  
lo de Barão da *Cabra bove*, ro-  
deando-se dos maiores chumbei-  
ros, e declarando-se todo Luzita-  
no? Hum Principe, que não sou-  
be reger o Brazil, quando este illu-  
dido pela sua hypocrizia, se lhe lan-  
çou nos braços, trar-nos ia a felicidade  
de agora, que a maioria da Nação  
detesta? Agora, que já temos hum  
Imperador, nascido entre nós, Legi-  
timo Herdeiro da Coroa, reconhecido  
como tal por todas as Nações?

He hum mal a menoridade do Mo-  
narca, mal, porque tem passado qua-  
si todos os Reinos: mas incompara-  
vel, e infinitamente pior he a restau-  
ração. Esta peste assoladora, e mui-  
to mais terrivel para nós, do que a  
*Colera-morbus*, só pôde ser deseja-  
da, e promovida por malvados ambi-  
ciosos, por corações escravos, que  
ardem por fartar-se de vinganças, e  
à sombra do Despota querem re-  
brar a perdida preponderancia. Meus  
caros Conciudadãos, e Patricios, tor-  
no a recomendar-vos uniaõ, e vigi-  
lancia. Não se falle mais em Exalta-  
dos, nem Moderados: todos somos  
Brasileiros, e todos ameaçados de huma ruina ge-  
ral. He inegavel, que o nosso actual Governo tem  
comettido muitas faltas, e a maior, no meu fraco  
entender, foi a protecção aos absolutistas: mas  
convem nos sustentalle: mal com elle, pior sem  
elle. Se se nomear outra Regencia, as queixas conti-  
nuarão, a intriga vai por diante; porque o que que-  
rem os malditos restauradores he, que hajaõ mu-  
tas mudanças, muitas revoluções, muitas descon-  
tentes, a fim de verem se tornaõ necessaria a vol-  
ta de D. Pedro de Bragança, que he o Messias dos  
seus novos Judeos.